

PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE LARANJAL/ MG

Lidiane Borges Barbosa¹ & Marcela Santana Bastos Boechat^{1*}

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – CEDERJ – Polo Itaperuna-RJ.

* Autor para correspondência: marcela.boechat@gmail.com

RESUMO

A automedicação é entendida como um procedimento que tem como característica principal a iniciativa, do paciente ou de seu responsável, de utilizar um medicamento ao qual ele acredita proporcionar benefícios no tratamento de doenças e alívio sintomático. Esta prática pode constituir-se em um sério problema de saúde pública, podendo trazer muitos riscos ao paciente. Propôs-se neste trabalho avaliar a ocorrência da automedicação em estudantes da Escola Estadual Coronel Francisco Gama, situado no município de Laranjal-MG e os motivos que levam a tal prática. Participaram deste trabalho alunos do 9º ano do ensino fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 3º ano do ensino médio. Através da análise de questionários aplicados, foi possível verificar elevado índice desta prática entre eles, sendo os medicamentos mais consumidos pelos estudantes os analgésicos, as vitaminas, os antibióticos e os antiinflamatórios. Admitiram se automedicar 91% dos alunos, e 41% afirmaram já ter consumido medicamentos motivados por propagandas. A arriscada prática da interrupção do tratamento após aparente melhora foi declarada por 60% dos alunos entrevistados. A análise dos dados coletados mostrou que a prática da automedicação é motivada por falta de informação dos riscos associados a ela, além da influência familiar ou da mídia a qual os alunos estão submetidos. Tendo em vista a impossibilidade de execrar tal prática, torna-se extremamente importante conhecer seus riscos, sendo a educação fundamental para que os indivíduos saibam se portar diante dessa problemática.

Palavras chaves: automedicação, medicamentos, riscos, estudantes, educação para a saúde.

ABSTRACT

The self-medication is understood as a procedure that has as main feature the initiative of the patient or of his/her responsible, for use of a drug which he believes provide benefits in the treatment of diseases and symptomatic relief. This practice can lead to a serious problem of public health, and can bring many risks to the patient. The objective of this work was to evaluate the occurrence of self-medication by students of the Escola Estadual Coronel Francisco da Gma, situated in the city of Laranjal-MG and the reasons leading to such practice. Participated, in this work, students of the 9th year of the fundamental teaching, Education of Youths and Adults (EJA) and 3rd year of the medium teaching. Through the analysis of applied questionnaires, it was possible to verify an elevated rate of this practice among the students being the most used drugs the analgesics, vitamins, antibiotics and anti-inflammatory. 94% of the students has admitted to self-medicate and 41% of the students admitted self-medication motivated by advertisements, and 60% of the students admitted stopping self-medication for feeling better. The analysis of these and other collected data

showed that the practice of the self-medication is motivated by lack of information of the risks associated to it, besides the family influence or of the media which the students are submitted. Because of the impossibility of execrate such practice, it is extremely important to know its risks, showing that the education is fundamental for the people to face that problem.

Keywords: self-medication, drugs, risks, students, education for the health.

1 – Introdução

A automedicação é entendida como um procedimento cuja principal característica é a iniciativa do paciente ou de seu responsável para aquisição, elaboração e utilização de um medicamento em busca de alívio sintomático e tratamento de doenças (PAULO & ZANINI, 1998).

Existem diversas formas de se praticar a automedicação, tal como adquirir o medicamento sem a prescrição necessária, compartilhar remédios com pessoas de seu convívio, utilizar sobras de prescrições, utilizar receitas antigas e descumprir a prescrição profissional, prolongando ou cessando precocemente a dosagem e o período de tempo recomendado na receita (ANDRADE E PINHO, 2008). Segundo PELICIONI (2005), grande parcela da população brasileira não está preparada para compreender os danos que essa prática pode ocasionar ou mesmo para fazer automedicação responsável.

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas, aproximadamente 80 milhões de pessoas são adeptas a automedicação em nosso país (IVANNISSEVICH, 1994). Estatísticas do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX, 2002) da Fundação Oswaldo Cruz mostram que os medicamentos são responsáveis por 27% das intoxicações no Brasil, sendo responsáveis também por 16% dos casos de óbito por intoxicações.

A OMS estabeleceu como grande desafio para a próxima década à melhoria na racionalidade do uso de medicamentos, havendo uma necessidade de promover a avaliação desse uso e vigilância de seu consumo (AQUINO, 2008).

Este trabalho mostrou a automedicação como uma prática comum entre estudantes da Escola Estadual Coronel Francisco Gama, situada no município de Laranjal – MG, motivada por falta de informação dos riscos associados a tal prática além da influência familiar ou da mídia ao qual estão submetidos.

2 – Materiais e Métodos

A fim de avaliar o conhecimento de estudantes da Escola Estadual Coronel Francisco Gama, situada no município de Laranjal/MG sobre o tema automedicação foi aplicado um questionário, o qual foi respondido de forma individual e anônima por 70 alunos, matriculados no 9º ano do ensino fundamental, na Educação para Jovens e Adulto (EJA) e no 3º ano do ensino médio.

3 – Resultados

Ao serem perguntados sobre o que entendiam sobre automedicação grande parte dos estudantes responderam que automedicação constitui o ato de tomar remédio sem prescrição médica, sendo que uma pequena porcentagem dos alunos associou a um risco para a saúde

(Figura 1). A maioria dos estudantes entrevistados admitiu já ter feito uso de medicamentos sem prescrição médica (Figura 2).

Quando perguntados sobre quem geralmente lhes indicam o medicamento que consomem sem prescrição médica, os estudantes disseram serem indicados por familiares, amigos/vizinhos, farmacêutico, balconista da farmácia ou admitiram ingerir por decisão própria (Figura 3). Questionados sobre a influência das propagandas televisivas na compra/utilização de algum medicamento, um número considerável de estudantes disseram já ter consumido medicamentos devido à propaganda (Figura 4).

Indagados como eles se comportariam caso houvesse a volta de uma doença anteriormente tratada por um médico, uma porcentagem alta dos alunos disseram que voltariam a consumir o mesmo medicamento (Figura 5). Além disso, a maior parte dos estudantes afirmou já ter interrompido o tratamento por se sentir melhor (Figura 6).

Em relação ao tipo de remédios utilizados por conta própria, os medicamentos mais consumidos, segundo os estudantes, são os analgésicos, as vitaminas, os antibióticos e os antiinflamatórios, embora o consumo de outros medicamentos, como antitérmicos e antialérgicos, também seja alto (Figura 7).

A maior parte dos estudantes afirmou ainda ter se automedicado pela última vez a menos de 3 meses (Figura 8). Sendo que os principais sintomas que os levam a tal prática são dor de cabeça, febre, gripe/resfriado e dor de garganta (Figura 9).

Segundo os estudantes entrevistados, o principal motivo a levar as pessoas a se automedicarem é a experiência prévia com o medicamento. Outros motivos comumente citados foram a confiança em quem indica o medicamento, o fato de conhecerem pessoas que fazem uso do medicamento consumido e a venda livre nas farmácias. A dificuldade de acesso aos serviços de saúde também foi citada como motivação para consumo de medicamentos sem prescrição (Figura 10). Os estudantes acreditam que o consumo racional de medicamentos depende, principalmente, de uma maior informação à população sobre os riscos e benefícios dos medicamentos. Embora uma parte considerável acredite que o consumo racional será melhor alcançado pela restrição/proibição de propagandas de medicamentos na mídia (Figura 11).

Gráficos

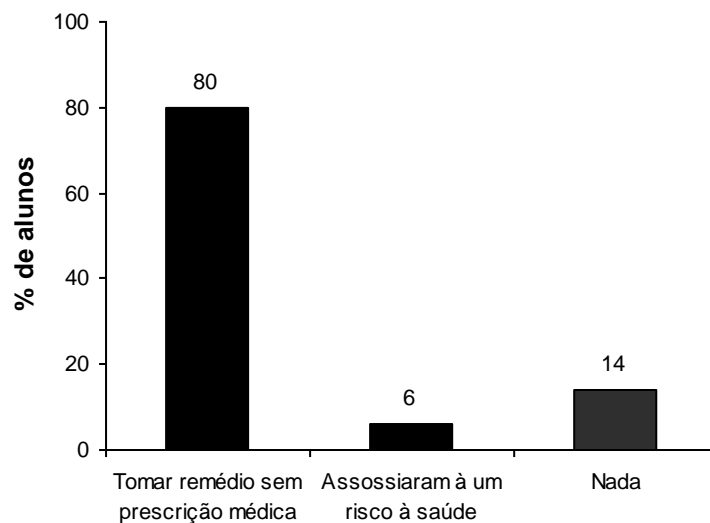


Figura 1: Resposta dos alunos referente à pergunta: O que você entende sobre automedicação?

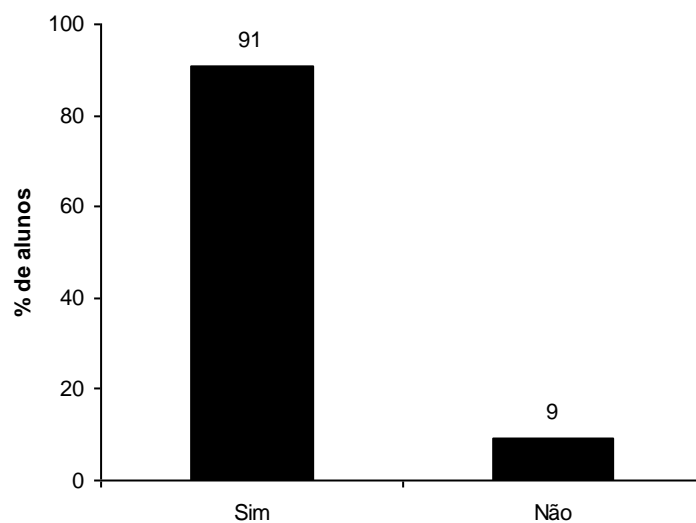


Figura 2: Resposta dos alunos referente à pergunta: Você já fez uso de medicamentos sem prescrição médica?

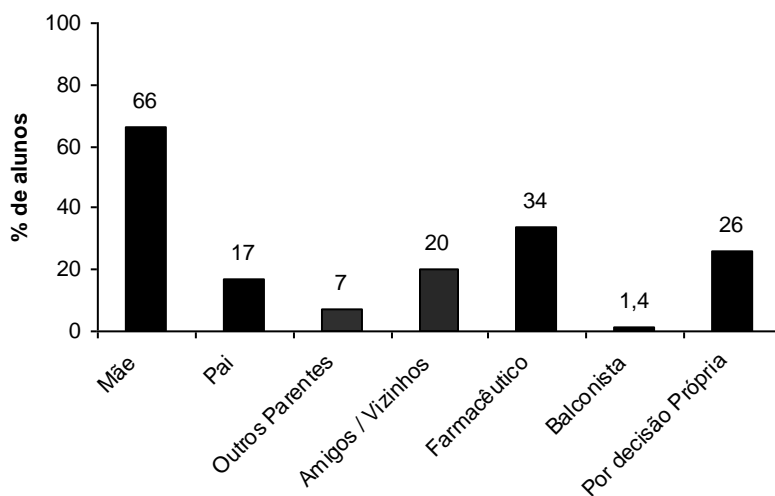


Figura 3: Resposta dos alunos referente à pergunta: O(s) remédio(s) utilizado(s) por você sem prescrição médica foi (foram) por indicação de quem?

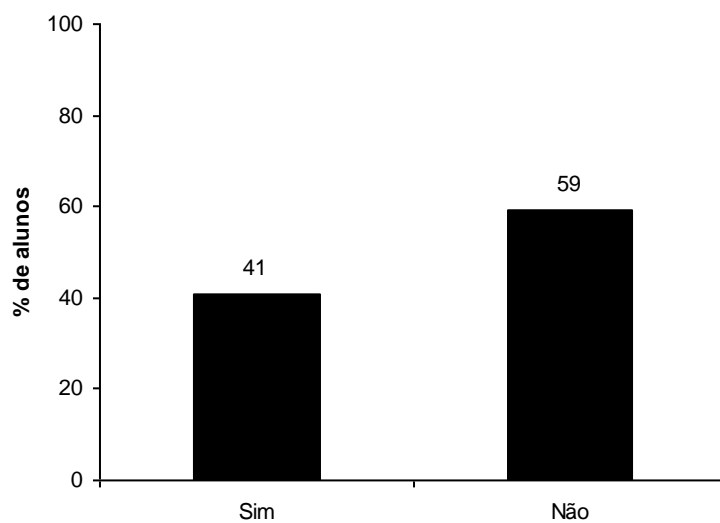


Figura 4: Resposta dos alunos referente à pergunta: A televisão com suas propagandas já fizeram você comprar/utilizar algum remédio?

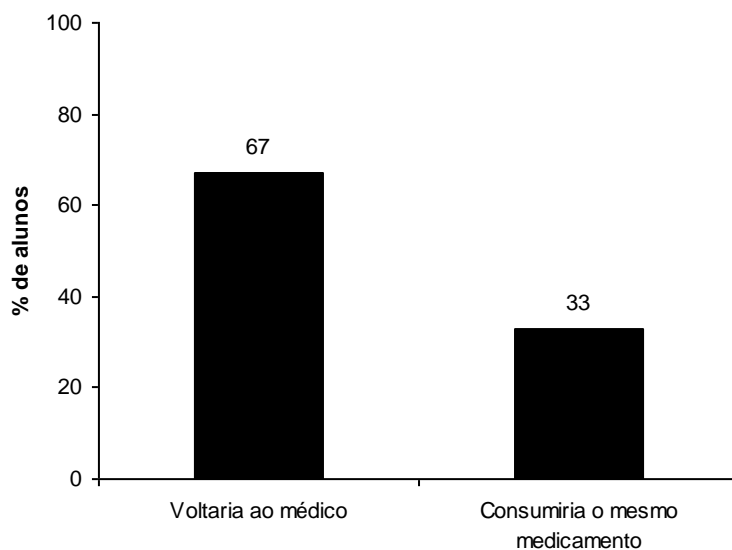


Figura 5: Resposta dos alunos referente à pergunta: Você está doente, vai ao médico e utiliza o remédio que ele indicou. Caso a doença volte, você retorna ao médico ou volta a consumir o mesmo remédio?

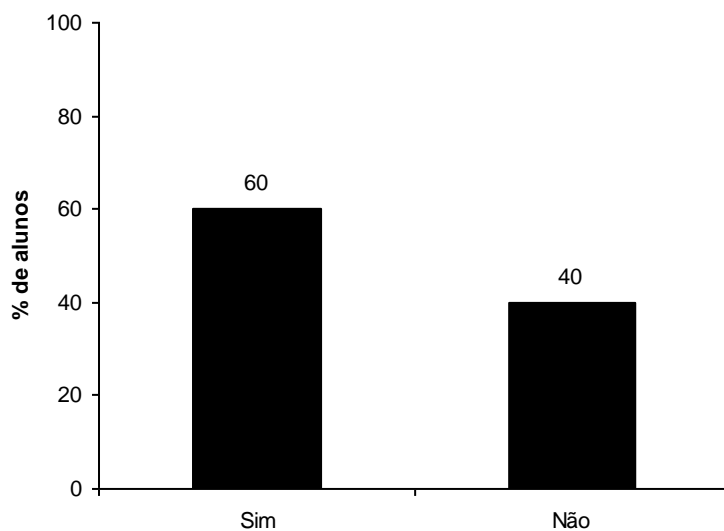


Figura 6: Resposta dos alunos referente à pergunta: Já interrompeu o tratamento por se sentir melhor?

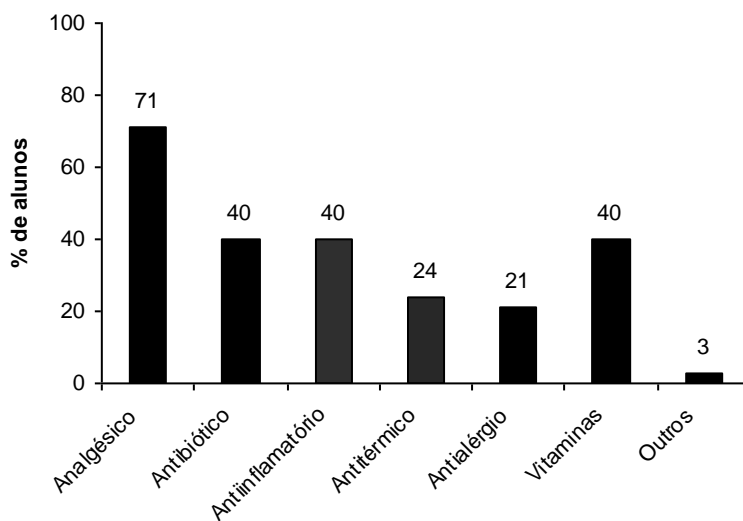


Figura 7: Resposta dos alunos referente à pergunta: Qual o tipo de remédio você já utilizou por conta própria?

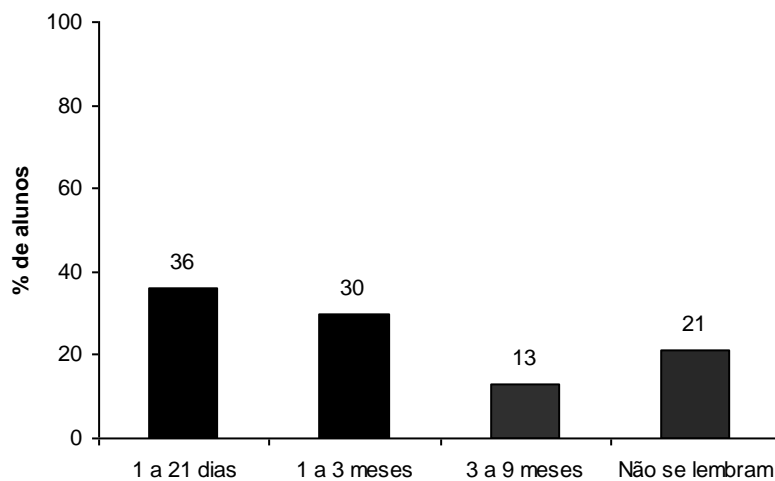


Figura 8: Resposta dos alunos referente à pergunta: Lembra-se da última vez que se automedicou? Faz aproximadamente quanto tempo?

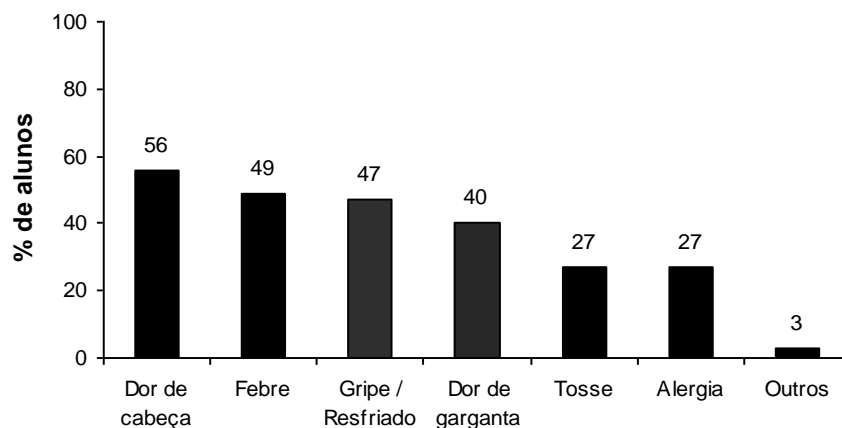


Figura 9: Resposta dos alunos referente à pergunta: Qual dos sintomas geralmente lhe leva a se automedicar?

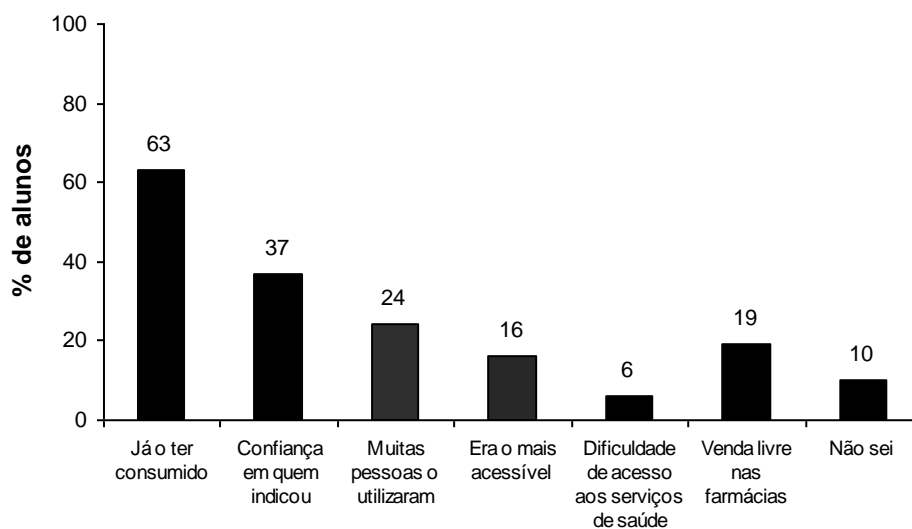


Figura 10: Resposta dos alunos referente à pergunta: Em sua opinião, qual o principal motivo que levam as pessoas a automedicação?

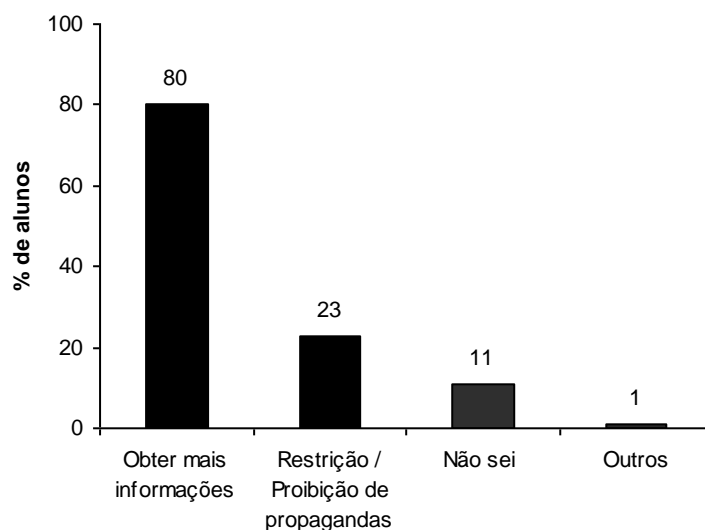


Figura 11: Resposta dos alunos referente à pergunta: O que deveria ser feito para que houvesse o consumo racional de medicamentos?

4 – Discussão

A automedicação é um sério problema de saúde pública e com elevada prevalência entre a população brasileira. Os riscos causados pelo autoconsumo de medicamentos por crianças e adolescentes tornam essa prática uma realidade preocupante. Os resultados do presente trabalho confirmam o alto índice de automedicação por adolescentes, 91% dos alunos admitiram já ter feito o uso de medicamentos sem prescrição e demonstraram que tal prática é frequente, já que grande parte dos alunos, 36% dos entrevistados, afirmaram ter consumido medicamentos sem prescrição nas últimas três semanas. PEREIRA e colaboradores (2007) divulgaram que a prevalência da automedicação em crianças e adolescentes é uma prática concreta e assídua. Estes dados são corroborados por SILVA E GIUGLIANI (2004).

Neste trabalho foi visto que sintomas como: dor de cabeça, febre, dor de garganta, tosse são frequentemente citados como causas para que pessoas recorram a automedicação. Essas são habitualmente reações sintomáticas de enfermidades e o tratamento dos sintomas podem vir a dificultar o diagnóstico, mascarando doenças que podem estar se agravando. Outros trabalhos da literatura também já evidenciaram que estes sintomas são as principais causas que levam as pessoas a se automedicarem. SASSI e colaboradores (2006) mostraram que os problemas acima citados são os mais prevalentes e VÍTOR e colaboradores (2008) em trabalho realizado na cidade de Porto Alegre-RS constataram que entre os entrevistados, dor de cabeça e febre foram as causas mais citadas.

Estudo realizado por RIBEIRO e colaboradores (2003) em Campina Grande (PB), demonstrou que o sucesso do tratamento médico instiga as pessoas a repeti-lo, e a repassá-lo para outras pessoas, sendo essa uma das motivações para automedicação. Foi visto no presente estudo que houve um predomínio de utilizar a indicação de leigos como meio de automedicação. Amigos, vizinhos, pais e outros parentes somam 39% da indicação dada aos

alunos, o que demonstra que o fator cultural está associado ao incentivo à prática. O farmacêutico foi a indicação a qual 34% dos alunos recorreram, comprovando o importante papel que este profissional representa, sendo então imprescindível para que esta prática seja realizada de forma responsável (OGLIARI, 2004).

SILVA E GIUGLIANI (2004) mostraram que perante falta de orientação médica a mãe é quem mais orienta tal consumo, o que acaba por refletir a imagem provedora e protetora que geralmente é delegada a mãe, é uma maneira que ela encontra de “zelar” pela saúde de seus filhos. Dado semelhante foi observado no presente trabalho, visto que entre os alunos da Escola Estadual Coronel Francisco Gama, 66% dos alunos asseguraram receber a indicação da mãe.

Quando perguntados sobre motivo da automedicação 37% disseram confiar em quem indicou a medicação e 24% disseram conhecer gente que faz uso do remédio. Esses dados indicam que o hábito da automedicação é muito comum e precisa ser trabalhado para se tornar responsável.

Dentre os entrevistados, 6% apontaram dificuldade de acesso a serviços de saúde como motivo para a automedicação. O clínico-geral Luis Felipe Camargo acredita que um dos motivos para as pessoas ingerir medicamentos sem consultar um especialista é a ansiedade de resolver o problema da maneira mais rápida (FOINA, 2008). Segundo Camargo outro motivo é a situação do serviço de saúde no Brasil: “Muitos pacientes não conseguem ser atendidos nos hospitais, por isso tentam se curar com o que está ao alcance: farmácia e indicação de remédios por conhecidos” (FOINA, 2008).

No presente estudo 41% dos alunos admitiram já ter consumido medicamentos motivados por propagandas. A venda indiscriminada de fármacos no Brasil está relacionada com a liberdade dada às indústrias para propaganda tendo como alvo a população leiga. Esta divulgação, em sua grande maioria, é expressa através de mensagens que apenas citam os benefícios dos fármacos, omitindo assim informação sobre seus riscos, uma maneira conveniente de persuadir o consumidor (CADEI E COSTA, 2006). A pediatra Leoneli acredita que as propagandas de remédio veiculadas na mídia também incentivam a compra sem a prescrição médica. “Isso é antiético”, ponderou (FOINA, 2008). O farmacêutico Valter Fantini concorda e diz que os remédios mais vendidos são os que têm publicidade (FOINA, 2008).

Perante o ato de suspensão de tratamentos médicos, afirmaram já ter interrompido o tratamento por se sentir melhor 60% dos alunos. Sabe-se que a interrupção do tratamento pode trazer muitos riscos. A interrupção do uso de antibióticos, por exemplo, poderá selecionar colônias de bactérias resistentes ao medicamento (DEHEINZELIN, 2003).

Dentre os alunos entrevistados 33% disseram que voltaria a consumir o mesmo medicamento caso uma doença anteriormente tratada voltasse a se manifestar, sendo que 63% deles disseram que a experiência anterior com o medicamento é o que move a pessoa a se automedicar.

Grande parte dos alunos (80%) disse que para um consumo mais responsável de medicamento é necessária a obtenção de mais informações. Este dado indica a necessidade da educação para formação de cidadãos mais aptos a desenvolver uma visão reflexiva das situações que possam vir a enfrentar.

Assim, acredita-se que para diminuir a prática da automedicação são necessárias várias medidas, dentre elas a melhoria no sistema de saúde, o aumento da fiscalização nas farmácias e principalmente a conscientização das pessoas (FOINA, 2008).

5 – Conclusões

O presente estudo permite identificar um quadro preocupante em relação ao uso de medicamentos entre os estudantes; constatou-se taxa de automedicação superior a 90% entre os alunos entrevistados na Escola Estadual Coronel Francisco Gama. Os medicamentos mais consumidos, segundo os estudantes, são os analgésicos, as vitaminas, os antibióticos e os anti-inflamatórios e práticas como interrupção do tratamento e repetição de uma prescrição antiga são frequentes. Contribui para esse quadro a falta de informação que os discentes possuem sobre os riscos associados a automedicação, além da influência ao qual estão submetidos, já que muitos admitiram ingerir medicamentos por indicação de leigos ou influência da mídia, sendo a Educação fundamental para que os indivíduos saibam se portar diante dessa problemática.

6 – Referências

ANDRADE A. R, PINHO B. (2008) Fatores socioculturais associados à prática da automedicação em uma cidade do interior do estado de Mato Grosso, Brasil. *Rev Enferm UFPE On Line*. 121-129.

AQUINO, D. S. (2008) Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 13, 733-736.

CADEI, M. S.; COSTA, T. (2006) Educação em Saúde. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ. 7-29.

DEHEINZELIN, D. (2003) Tuberculose. (Consequências da interrupção do tratamento). Disponível em <http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/tuberculose10.asp> acessado em 15/10/2011. Entrevista concedida a Dráuzio Varella.

FOINA, R. R. (2008) Perigo na automedicação. Disponível em www.metodista.br/rroonline/ciencia-e-saude/perigo-na-automedicacao acessado em 09/10/2011.

IVANNISSEVICH, A. (1994) Os perigos da automedicação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jan.

OGLIARI, F. Automedicação e o papel do farmacêutico: autocuidado ou danos à saúde? (2004). Disponível em http://www.unisc.br/cursos/graduacao/farmacia/abstracts/2004_2/Fernanda_Ogliori.pdf acessado em 23/09/2011.

PAULO, L.G; ZANINI, A. C. (1998) Automedicação no Brasil. *Revista Associação Médica Brasileira*, 34 (2): 69-75.

PELICIONI, M.C.F. (2005) Educação Ambiental para uma Escola Saudável. In: Phillipi Jr., A; Pelicioni, M.C.F. (Eds.). Educação Ambiental e Sustentabilidade. Barueri, SP: Manole.

PEREIRA, F. S. V. T; BUCARETCHI, F; STEPHAN, C; CORDEIRO, R. (2007). Automedicação em crianças e adolescentes. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, 83 (5): 453-458.

RIBEIRO, V. V; SOUZA, C. A; SARMENTO, D. S; MATOS, J. J; ROCHA, S. A. (2003-2004). Uma abordagem sobre automedicação e consumo de psicotrópicos em Campina Grande-PB. *Infarma*, 15 (11-12): 78-80.

SASSI, R, M; BÉRIA, J, U; FIORI, N; BORTOLOTTI, A. (2006) Prevalência de sinais e sintomas, fatores sociodemográficos associados e atitude frente aos sintomas em um centro urbano no Sul do Brasil. *Rev Panam Salud Publica*. Washington, 20(1): 22-28.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS – SINITOX. (2002) Brasil. <http://www.fiocruz.br/sinitox/2002/brasil2002.htm> acessado em 26/09/2008.

SILVA, C. H, E GIUGLIANI, E.R.J. (2004) Consumo de medicamentos em adolescentes. *Jornal de Pediatria*. 80(4): 326-332.

VITOR, R, S; LOPES, C, P, MENEZES, S; KERKHOFF, C, E. (2008). Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciências & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 13: 737-743.